

Histórias de Vida de Lideranças Comunitárias Quilombolas: uma experiência extensionista de intervenção psicossocial na pandemia¹

Luiz Estevão Moreira Paiva²

Luiza Teixeira Feliciano³

Vanessa Barbosa Guimarães⁴

Vinícius Fonseca de Andrade⁵

Lucimar Magalhães de Albuquerque⁶

RESUMO

O presente trabalho visa socializar o relato de experiência extensionista do projeto *Oficinas Psicossociais: fortalecendo vínculos familiares e comunitários em Brumadinho* da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), que visa a intervenção psicossocial em três comunidades em Brumadinho/MG atingidas pelo rompimento da barragem da mineradora Vale, sendo elas: Ponte das Almorreimas, Acampamento Pátria Livre do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Comunidades Quilombolas. A partir da necessária transformação das condições de atuação em campo, diante da pandemia do coronavírus, objetivamos relatar a experiência vivida junto às comunidades por meio remoto. Com intuito de refletir sobre a construção da metodologia em que se estabeleceu as atividades, destacamos os relatos de histórias de vidas, pois esse modo de fazer vem gerando muitas aprendizagens e vínculos entre extensionistas e comunidades. O processo evidencia que, mesmo diante de atravessamentos sociais e de acesso instável aos meios de comunicação, é possível realizar um trabalho de intervenção psicossocial potencializador da memória cultural que também criou vínculos, espaço de convivência e afetos entre a universidade e a comunidade.

Palavras-chave: Memória. Intervenção remota. Quilombos. Pandemia. Extensão Universitária.

Life Stories of Quilombolas Community Leaders: an extensionist experience of psychosocial intervention in the pandemic

ABSTRACT

The present work aims at socializing the extensionist experience report of the project Psychosocial Workshops: strengthening family and community bonds in Brumadinho of the Pontifical Catholic University of Minas Gerais (PUC Minas), which aims at the psychosocial intervention in three communities in Brumadinho / MG affected by the rupture of the Vale mining company dam: Ponte das Almorreimas, Acampamento Pátria Livre of the Landless Rural Workers Movement (MST) and Quilombola Communities. Based on the necessary transformation of the conditions for field work in the face of the coronavirus pandemic, we aim to report our experience with the communities by remote means. In order to reflect on the construction of the methodology in which the activities were established, we highlight the reports of life

¹Projeto financiado pela Pró-Reitoria de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PROEX PUC Minas)

²Graduando em Psicologia pela PUC Minas, *Campus* Coração Eucarístico. E-mail: luizestevaomp@gmail.com.

³Graduanda em Psicologia pela PUC Minas, *Campus* Coração Eucarístico. E-mail: luizafeliciano0@gmail.com.

⁴Graduanda em Psicologia pela PUC Minas, *Campus* São Gabriel. E-mail: vguimaraesmj@gmail.com.

⁵Graduando em Psicologia pela PUC Minas, *Campus* Coração Eucarístico. E-mail: visfonseca03@gmail.com.

⁶Dr.^a em Psicologia. Docente da Faculdade de Psicologia da PUC Minas, *Campus* Coração Eucarístico. E-mail: luzdemaio@gmail.com.

stories, because this way of doing has generated a lot of learning and bonds between extensionists and communities. The process shows that, even in the face of social crossings and unstable access to the media, it is possible to carry out a psychosocial intervention work that enhances the cultural memory and creates bonds, a space for coexistence, and affection between the university and the community.

Keywords: Memory. Remote intervention. Quilombos. Pandemic. University Extension.

INTRODUÇÃO

Em 25 de janeiro de 2019, ocorreu o rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Vale S/A situada no distrito de Córrego do Feijão, em Brumadinho, Minas Gerais. Uma grande enxurrada de lama, composta por 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos, soterrou repentinamente comunidades do entorno, acarretando 272 vítimas fatais (VENAGLIA, 2021) e afetando drasticamente toda a calha do Rio Paraopeba e a biodiversidade local, além dos variados danos e consequências gerados em diversos municípios, comunidades e famílias, conforme exposto na Ação Civil Pública do Ministério Público do Estado de Minas Gerais (MPMG, 2019). Comunidades foram devastadas, famílias destruídas. O reflexo dessa crime/tragédia impactou drasticamente a cidade de Brumadinho, que vive um clima caótico, registrando alta no número de suicídios e de tentativas de autoextermínio, além do aumento da violência e do uso excessivo de medicamentos psiquiátricos (EM, 2019).

Diante dessa realidade, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) propôs atuações multidisciplinares, transdisciplinares e intersetoriais, e, assim, deu início a diversos projetos de intervenção nas comunidades. A Faculdade de Psicologia ocupou-se em atender, desde fevereiro de 2019, as demandas psicossociais junto a grupos locais e comprometeu-se em pensar possibilidades para fortalecimento de vínculos, convivência e afeto entre famílias e comunidades. Pautada no princípio humanista prezado por essa instituição, a equipe de trabalho realizou, inicialmente, um diagnóstico participativo junto aos atores sociais do território, visando construir alternativas de apoio às comunidades. Cabe ressaltar que o diálogo entre a Universidade e as comunidades atingidas vem possibilitando construir novas perspectivas pós-crime/tragédia, ressignificando o cotidiano de populações em situação de sofrimento, que, em muitos momentos, se percebem silenciadas e esquecidas.

Durante a realização do trabalho, muitos desafios foram enfrentados, todavia sendo o maior deles a pandemia do coronavírus. A COVID-19, doença ocasionada pelo novo agente do coronavírus — SARS-CoV-2 —, detectado no final de 2019, provoca um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Especialistas apontam que, para evitar o contágio, e consequentemente o aumento do número de mortes, todos os cidadãos precisam estar isolados o

máximo de tempo em suas residências. Tal circunstância, que se tornou uma pandemia, alterou, em nível mundial, a rotina da vida da maior parte da população, e atravessamos ainda hoje uma crise sanitária (OPAS, 2021).

No dia 26 de fevereiro de 2020, foi registrado pelo governo de São Paulo o primeiro caso de infecção pelo coronavírus no Brasil, e apenas duas semanas depois tivemos a primeira morte em decorrência da doença. Com os casos crescendo progressivamente em todo o território nacional e com o aumento no número de mortes, os estados brasileiros foram coagidos a criar estratégias próprias para lidar com a pandemia, uma vez que o Governo Federal não tomou medidas concretas no enfrentamento do avanço da doença, houve apenas recomendações do Ministério da Saúde a respeito das medidas de prevenção. Desse modo, os governos dos estados e cidades do país passaram a adotar a quarentena e o isolamento social como forma de combate à pandemia (AQUINO *et al.*, 2020).

No entanto, segundo o consórcio de veículos de imprensa, a partir de dados das secretarias estaduais de saúde, o Brasil registrou, até o dia 6 de junho de 2021, mais de 473 mil mortes em decorrência do coronavírus. Centenas de milhares de vidas foram ceifadas, deixando famílias destruídas, resultando em um país amedrontado e uma economia nacional ainda mais fragilizada (G1, 2021). Segundo Carla Jiménez (2021), jornalista do portal de notícias El País, o PIB de 2020, no Brasil, caiu 4,1% com a pandemia, configurando o pior resultado em 21 anos e culminando num desemprego de 14,16%.

Frente a tal contexto, ainda em março de 2020, diversas universidades brasileiras, inclusive a PUC Minas, interromperam suas atividades presenciais e alteraram seu funcionamento para o regime remoto, visando diminuir as interações físicas entre as pessoas e dessa forma a contribuir para a contenção da disseminação do vírus. A medida resultou em mudanças na relação entre universidade e comunidade, o que ocorre, em grande parte, por meio da Extensão, principalmente aquelas intervenções que tinham como base da prática o contato presencial entre as pessoas e comunidades envolvidas. Ante essa mudança, a prática extensionista enfrentou o desafio de se reinventar.

As modalidades de ensino remoto e a distância impuseram impasses para a equipe e a relação estabelecida, até então presencialmente, com as comunidades acompanhadas: afinal, como manejar o vínculo a distância na prática extensionista, em um cenário tão conturbado e incerto? Esse e outros questionamentos motivaram a equipe a pensar possibilidades, que resultaram na utilização da metodologia de história de vida, aplicada nas comunidades quilombolas da cidade de Brumadinho-MG. O fato oportunizou o registro da jornada de suas lideranças por meio da parceria com a extensão universitária junto ao projeto *Oficinas Psicossociais: fortalecendo vínculos familiares e comunitários em Brumadinho*.

Assim, a partir do que fora construído até então e ante o cenário pandêmico, refletimos acerca da maneira pela qual passaríamos a construir o manejo dos vínculos a distância, na prática extensionista em Brumadinho. Portanto, pensando nos impasses e na necessidade de mantermos o vínculo com a comunidade, o presente texto objetiva relatar a experiência vivida na prática de intervenção psicossocial junto às comunidades por meio remoto e refletir sobre a construção das bases metodológicas em que se estabeleceram as atividades, para também construirmos relações de confiança, convivências, aprendizagens e afetos entre extensionistas e comunidades.

2 DESENVOLVENDO UMA PRÁTICA EXTENSIONISTA NA VIRTUALIDADE

O Projeto de Extensão *Oficinas Psicossociais – Fortalecendo vínculos familiares e comunitários em Brumadinho*, da Faculdade de Psicologia da PUC Minas, tem como foco a atuação da Psicologia, em parceria com a Região Episcopal Nossa Senhora do Rosário (RENSER), em comunidades nos territórios atingidos pelo rompimento da barragem da Vale. O objetivo principal do Projeto é contribuir para a socialização, o desenvolvimento psicossocial e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários de mulheres, jovens e lideranças de comunidades de Brumadinho. Por meio da intervenção psicossocial, foram realizadas atividades de acompanhamento, colaboração e cooperação, principalmente com a metodologia de oficinas grupais.

A intervenção psicossocial compreende uma forma de trabalho que se faz presente na psicologia para responder às exigências de um sujeito social que não está deslocado de seu território e que procura entender como seu contexto o transforma e é transformado reciprocamente. Desse modo, articula-se uma prática, junto com os atores sociais, que associa pesquisa e ação, cujo sentido último é o compromisso de transformação da realidade de indivíduos, grupos, instituições, organizações/comunidades (NEIVA, 2010; SAWAIA; ALBUQUERQUE; BUSARELLO, 2018). Logo,

A intervenção psicossocial segue os parâmetros do método científico, unindo pesquisa à ação. A pesquisa permeia todo o processo, desde a análise da demanda e o mapeamento das necessidades psicossociais até a etapa final de avaliação da intervenção. É esse caráter científico que produz reflexão, crítica e reformulação. (NEIVA, 2010, p. 16).

Essa metodologia é facilitada à medida que o pesquisador-interventor conhece o contexto social e nele se insere, a fim de compor caminhos construídos coletivamente para resgatar e fortalecer a potência de pensar e agir do indivíduo ou grupo com o qual atua (SAWAIA, 2001). Até 2020, as atividades vinham sendo realizadas presencialmente junto às comunidades, por meio de oficinas para

crianças, jovens e lideranças, contando com atividades lúdicas, rodas de conversas e oficinas temáticas. Entendemos, tal como propõe a psicóloga Lúcia Afonso, que

Oficina é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir. (AFONSO, 2010, p. 9).

De maneira integrada, o Projeto vem buscando proporcionar espaços de trocas entre comunidades atingidas pelo crime/desastre da Vale, trabalhando identidade, pertencimento, autovalorização e autoestima, apoiando e fortalecendo o trabalho em rede, a garantia de direitos sociais, e aprimorando a formação de discentes e docentes da PUC Minas. Os trabalhos foram realizados, nos anos de 2020 e 2021, nas quatro comunidades quilombolas, no Acampamento Pátria Livre do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e na região da Ponte das Almoreimas.

Diante da impossibilidade de atuação presencial, conforme exigia a pandemia, foi necessária a adaptação para a atuação remota. Construíram-se, então, estratégias de articulação remota, incluindo a rádio “Vozes de Brumadinho” (inaugurada em 2020 em parceria com os cursos da área de Comunicação da PUC Minas e sua programação formulada mediante a articulação com pessoas das comunidades), que circulava nas comunidades acompanhadas pelo projeto por meio de um carro de som.

Neste relato, abordaremos especificamente a experiência extensionista do trabalho psicossocial com as lideranças das comunidades remanescentes de quilombos em Brumadinho, uma vez que a relação com essa comunidade possibilitou a reinvenção das formas de atuação do Projeto, vistas as dificuldades enfrentadas na pandemia. Atualmente, quatro comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares (2021) estão presentes no território de Brumadinho, sendo elas: Marinhos, Sapé, Ribeirão e Rodrigues. Na elaboração do diagnóstico, para o início das atividades em campo, entendemos, junto às comunidades, suas principais características, demandas e potencialidades. Assim, para contextualizar o espaço do trabalho, caracterizamos brevemente essas comunidades.

O quilombo de Sapé é considerado o originário: todos os outros foram criados a partir dele. Inicialmente, suas casas foram feitas do material pau-a-pique e sapé, sendo essa a origem do nome do espaço. Atualmente, nele residem aproximadamente 50 famílias (IBASE, 2010). Já o quilombo de Marinhos abriga cerca de 80 famílias e surgiu a partir de uma família de Sapé (IBASE, 2011a), bem como da divisão do território do quilombo originário. Em ambos os territórios, as principais

potencialidades se encontram nas festas religiosas, nas lideranças comunitárias e nos vínculos intrafamiliares; e as principais demandas baseiam-se na necessidade de manter as festas e tradições, fomentar as práticas artísticas e comunitárias, bem como potencializar o registro de memórias e conhecimentos transgeracionais, o cuidado com a infraestrutura das comunidades e a luta pelos direitos comuns. Em relação ao quilombo de Rodrigues, aproximadamente 20 famílias nele residem. Trata-se de território não demarcado, conforme o Diagnóstico Social Participativo produzido pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE, 2011b). Por fim, o quilombo de Ribeirão, onde, de acordo com o IBASE (2012), moram cerca de 20 famílias as quais mantêm boas relações com as comunidades próximas.

Inicialmente, a equipe discutiu sobre a construção de um questionário a fim de obter informações sobre os acessos da comunidade à internet, para a construção de uma prática a distância. Ainda em parceria com a área de Comunicação Social, foi elaborado um vídeo de aproximação com fotos e relatos marcantes dos contatos presenciais, especialmente voltado para o contato individual com os jovens da comunidade de Sapé. Como resultado dessa articulação, ocorreu a aproximação com a comunidade quilombola de Rodrigues e Ribeirão. Já no segundo semestre, a equipe refletiu sobre as possibilidades de atuação para além do trabalho com a rádio, na tentativa de promover o cuidado com a saúde mental naquele momento.

Como é possível observar, diversas ações foram feitas no sentido de manter e criar vínculos a distância. Porém, pela falta de acesso à internet, equipamentos e rede telefônica adequados, deparamo-nos com o impedimento para a realização de oficinas e atividades grupais virtuais. Assim, as atividades foram adaptadas e transformadas, por meio do trabalho com as histórias de vida para atividades individuais. Atuamos também com as lideranças comunitárias, entendendo, porém, que elas atravessam e são atravessadas pela comunidade, sendo impossível separar suas histórias e vivências das histórias e vivências do conjunto. Portanto, ao promover atividades com as lideranças estávamos, também, atuando com toda a comunidade.

A história de vida foi, assim, a principal atividade desenvolvida junto com as comunidades quilombolas, sendo realizada de diferentes formas e por diversos meios, tais como a troca de mensagens em aplicativos, as ligações telefônicas e os encontros virtuais por meio de videoconferência, quando possível. Obtivemos êxito no desenvolvimento da adaptação da metodologia em três comunidades, sendo que somente em uma delas ainda não realizamos as entrevistas com a liderança. Entretanto, ainda estamos viabilizando meios para superar a problemas, como a dificuldade do sinal das operadoras telefônicas, e de igual modo da dificuldade de iniciar e manter o vínculo com uma das lideranças da localidade que até então não conhecíamos.

2.1 Memória e História de Vida: Potencialidades da Metodologia de Intervenção

Os princípios norteadores da práxis psicossocial privilegiam a emancipação e o protagonismo dos sujeitos a partir de ações engajadas com o fortalecimento do grupo, considerando o desenvolvimento comunitário e social e a relação dialógica que vai sendo construída entre o extensionista e a comunidade (AFONSO, 2011). Dessa maneira, a estratégia de utilizar o método de história de vida como ferramenta psicossocial parte de conversas com a comunidade que relata ter ficado muito tempo esquecida, que deseja preservar o saber coletivo da vivência comunitária e das tradições familiares, trazendo uma ideia de patrimônio imaterial para o nosso fazer.

Para atender a essa demanda, foi necessário adaptar esse método à virtualidade, sem perder aspectos fundamentais do processo, que inclui uma entrevista em profundidade e em etapas, que contempla a valorização do vínculo entre pesquisador-interventor e entrevistado e permite que ambos conduzam o processo de forma horizontal e ativa. Sendo assim, contar a história e interpretá-la implica um “resgate cuidadoso e ético” (SILVA; BARROS; NOGUEIRA; BARROS, 2017, p. 27), em que há um compromisso com as experiências que vão sendo revisitadas e permite que o sujeito se aproprie do que viveu e produza novos sentidos acerca de sua identidade individual e coletiva.

Um dos pilares dessa construção coletiva é o vínculo entre aquele que fala a sua história e aquele que o ouve, sendo condição para que os envolvidos se sintam pertencentes ao processo de potencial transformação. A relação que vai sendo construída ao longo das etapas da coleta da história de vida abre espaço para uma condição dialógica de crescer juntos e se permitir afetar e ser afetado pela história do outro, preenchendo o trabalho de sentido. As emoções são parte integrante dessa atuação que privilegia o fortalecimento de vínculos, com vemos neste relato: “[...] *conversamos muito e gostei muito, contei a minha história de infância e de casada. Eu meio tímida, mas ela me ouviu. Tinha hora que eu me emocionava, eu chorava, ela me esperava, ela me ouvia e depois a gente começava de novo.*” (Participante 1)^{7*}

Há diversas formas de se conceber a memória, a depender da área do conhecimento, da época e da cultura (TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA, 2009, p.14). Ao se pensar, por exemplo, pela perspectiva da neuropsicologia, defronta-se com seu caráter biológico como recurso imprescindível para os processos de aprendizagem e construção identitária do sujeito. Essa orientação refere-se a uma capacidade cognitiva que apresenta uma curvatura de desenvolvimento ao longo do ciclo vital e “consiste em um conjunto de processos cognitivos que envolvem a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações”. (COTTA *et.al.* 2012 *apud* OLIVEIRA; FREITAS;

^{7*}Identificamos os relatos dos participantes com enumeração a fim de manter o sigilo das pessoas entrevistadas.

VIANA. 2014, p. 15). Trabalhar com a memória, na intervenção proposta pelo Projeto, é transcender esse sentido ou mesmo complementá-lo, ao fomentar o caráter coletivo que a memória possui pela articulação entre indivíduo e meio. Na atuação junto aos atores sociais dos territórios, contou-se com histórias de vida individuais que repercutiram em sua participação coletiva, uma vez que se referem a lideranças comunitárias ou mesmo figuras importantes dos territórios. As narrativas perpassam o espaço geográfico, mas, sobretudo, a dimensão da intersubjetividade que as memórias carregam. Elas afirmam, por si só, o caráter político e a relevância dessa prática, uma vez que trazem à tona narrativas que não foram descritas em nenhuma fonte, fato que reforça o descrito de Lopez (2008):

[...] o poder de narrar, registrar e definir o que faz parte da História tem ficado concentrado em poucas pessoas e instituições. Muitas vezes, estabelece-se uma narrativa oficial, que passa a ser a única preservada e repetida nos livros didáticos, no cinema, na literatura, na mídia. Na superação desse padrão, no entanto, cada grupo pode tornar-se produtor, guardião e difusor de sua própria história. E essa narrativa histórica apresenta um potencial valioso no desenvolvimento social. (LOPES, 2008, p. 17).

Tal potencial é destacado na fala de cada sujeito que, ao relatar, experimenta o que passou, se emociona, rememora a canção e percorre o registro histórico na maneira como sente, percebe e é pertencente à realidade local. No caso das comunidades rurais e tradicionais de Brumadinho, percebe-se a superação de vivências carregadas de sofrimentos e vulnerabilidades: “[...] *Enquanto criança e sempre próximo de minha mãe, hoje falo que ela foi uma mulher muito guerreira. Isso porque, ela conseguiu as coisas e naquele tempo eram muito difíceis, muito difíceis mesmo.*” (Participante 2).

Ressalta-se também, nos quilombos, o apreço intergeracional por saberes de pais ou avós, conforme descrevem alguns participantes do projeto: “*Minha vó Ana tinha uma sabedoria imensa sabe, imensa! E ela passou pra gente muita coisa, ela passou pra gente o que é ser honesta! O que é ser uma boa pessoa sabe!?*” (Participante 1), “*Eu e minha mãe éramos muito amigas uma da outra. A gente não tinha segredo uma pra com a outra. Era muito bonita a nossa amizade.*”(Participante 3) ou, ainda, “[...] *meu avô, o qual eu não chamava de vô, sempre o tratava por Inhô-pai.*” (Participante 2).

A religiosidade também aparece como um componente que leva em conta a dimensão espiritual e coletiva desse grupo: “*Faço questão de acrescentar também que eu chegava no mês de maio, eu gostava muito de coroar Nossa Senhora.*” (Participante 3); “*O meu avô era uma pessoa muito boa [...] me deixou muito ensinamento, me ensinou muita reza, oração, nós temos uma reza que a gente reza e faz uma adoração ao menino Jesus, a gente faz mais ela no Natal*” (Participante 4.) ou, ainda, nos diários espirituais escritos diariamente pelo participante 2: “*Que todos sejamos sal que dá sabor, como dizia meu querido vô "o remédio que cura, é aquele que evita, vamos evitar fazer*

o mal e viver o bem sempre””. Nesse sentido, compreende-se a memória, conforme descreve Campos (2018), como função biológica, de relevância social que primordialmente comunica:

A memória tem uma função primordial em comunicar a cultura e as transformações inter e intrageracionais, uma função de comunicação, aprendizagem e produção coletiva no mundo das atividades humanas. Narrada pela linguagem, reconstrói a vivência na sua complexidade, carrega a força dos afetos (sentimentos e emoções), os sentidos e os significados e apresenta a relação afetiva do homem com a realidade. (CAMPOS, 2018, p. 337).

Para realizar o registro de maneira a contemplar a dimensão de sentido e significado, faz-se necessário que o pesquisador/interventor possua uma escuta atenta e sensível baseada na relação. Aqui, pode-se compreender a relevância do vínculo construído ao longo dos períodos em que o projeto atuou em Brumadinho e as histórias de vida relatadas, como produtos desse laço. Esse fato nos leva à reflexão apresentada por Lopez (2008), quando se refere ao registro como pressuposto do ato de relembrar:

A memória pressupõe registro – ainda que tal registro seja realizado em nosso próprio corpo. Ela é, por excelência, seletiva. Reúne as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar. “A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade. (ALBERTI *apud* LOPEZ, 2008, p. 17).

Cabe destacar que a seletividade do escrito foi também construída com os participantes mediante a relação estabelecida com as comunidades. As entrevistas feitas pelos extensionistas conferiam aos escritos certa organização. Já aquilo que os entrevistados transmitiam se dava a partir do que lhes tocava e assim conferiam ao escrito a legitimidade e a identidade descritas. O registro compreende, assim, a inter-relação que envolve o corpo, e, no caso, também inclui a distância, os ritmos, sentimentos e sensações que o regime remoto impôs à equipe acadêmica e aos participantes da comunidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tem o objetivo de relatar as recentes experiências que vêm sendo construídas pela equipe do Projeto, junto a quatro comunidades remanescentes quilombolas em Brumadinho. O Projeto de Extensão contou inicialmente com a participação de três professoras e seis extensionistas de diferentes *campi* e unidades da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. Diante do cenário pandêmico, ficamos com o desafio de reflexão sobre as implicações das mudanças que seriam

necessárias para dar continuidade ao projeto. Além do fundamental diálogo com as lideranças, fizemos um levantamento bibliográfico sobre o assunto e discutimos alguns textos pertinentes à metodologia de história de vida.

Sendo assim, a prática no projeto *Oficinas Psicossociais: fortalecendo vínculos familiares e comunitários em Brumadinho*, diante dos desafios impostos nos anos de 2020 e 2021, demandou fortalecimento das parcerias entre os cursos, o que ampliou o alcance de aprendizagens interdisciplinares das equipes, mas sobretudo a reinvenção de nosso fazer. Em vista disso, o objetivo principal do Projeto, de potencializar a socialização, proporcionando a articulação psicossocial e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários junto a mulheres e lideranças de Brumadinho, foi atingido com êxito, em parceria com a comunidade. De modo dialético, as histórias de vidas foram possibilitando muitas reflexões e aprendizagens para todos os envolvidos, mas, sobretudo, produziram uma ponte entre os vínculos do passado e do presente, assim como fortaleceram laços de afetos e identidades. Outro fruto desse potente processo será o lançamento de um *e-book* sobre esse processo, material que se encontra em fase de revisão.

Como vimos, a intervenção psicossocial compreendeu um fazer presente na psicologia para responder às exigências de um sujeito social, entendendo que nossa prática não está deslocada de seu contexto. Além de testemunharmos como se dá o contexto histórico em que se constituíram a vida os atores entrevistados, percebemos como ele os transforma e por eles são transformados. Também notamos que o contexto do ensino remoto, devido às restrições de convívio impostas pela pandemia, nos possibilitou um novo modo de encontro que, igualmente, nos transformou em agentes de um processo de criação a partir do compromisso de promover o cuidado com a saúde mental no momento.

Destacamos a potencialidade do projeto, ao estabelecer relações de afeto com essas pessoas, entendendo, todavia, que o resultado apresentado não finda a relação com a comunidade e a sua necessidade de desenvolvimento psicossocial. Assim, acreditamos que o projeto ainda pode muito contribuir na potencialização das comunidades, fortalecendo as processualidades presentes nos territórios e as articulando, a partir do vínculo estabelecido, junto aos moradores. É nesse vínculo que se faz o caminho para os próximos passos do fazer extensionista, pois, além do trabalho de manutenção e fortalecimento da prática, os laços aproximam a potência do corpo de extensão das demandas das comunidades de forma mais natural e ativa, norteando, assim, as futuras ações.

A extensão universitária, ao eleger o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, possibilita uma formação integral pessoal e profissional que extrapola o conhecimento técnico da sala de aula, aproximando o estudante da realidade social que o cerca (GONZATTI; MAMAN; SILVA, 2019). A aprendizagem prática viabilizada pela extensão, a qual se fundamenta na interação dialógica entre a Universidade e a comunidade, permite um maior engajamento do

estudante no processo de obtenção e produção de novos conhecimentos, uma vez que ele é inserido em uma realidade desafiadora que o convoca para a ação ética e social (SILVA *et al.*, 2019). Desse modo, a experiência estabelece espaço para “confrontos dialéticos entre teoria e prática, que se estabelecem no aprender e fazer nas vivências extensionistas, pois as relações subjetivas afetam a produção do cuidado integral.” (SILVA; RIBEIRO; JÚNIOR, 2013, p. 381).

Nessa perspectiva, compreendemos a importância da interface do ensino e a extensão como uma oportunidade singular de aprendizagem coletiva e emancipatória, tanto para o extensionista, quanto para a comunidade. À medida que o vínculo se desenvolve e ocorre a troca de vivências e experiências articuladas com a realidade da comunidade, a Universidade reafirma, por meio do projeto, o seu compromisso com a transformação social. Assim, o desenvolvimento de habilidades e competências críticas e humanizadas que estão sendo oportunizadas por essa experiência nos permite confirmar que a extensão se apresenta como diferencial para a formação cidadã e profissional do estudante, fortalecendo a missão transformadora e educadora da Universidade.

Refletindo sobre a extensão e a missão social que cabe à universidade, podemos perceber que ela é capaz de vitalizar a produção de conhecimento além de participar da construção da cidadania. A experiência nos mostrou o quanto é difícil inovar, e o quanto desafios nos transformam. De igual modo, viabilizou o encontro entre os saberes advindos do saber científico e popular, unindo a formação técnica à formação humanística. Em suma, podemos perceber que a proposta, a partir do fortalecimento de história de vidas, possibilitou uma mutualidade de trocas e constituiu uma unidade complexa de saberes durante o período da pandemia, o que podemos denominar aqui como um conhecimento transdisciplinar, ligando elementos que passam entre, além e através das disciplinas.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda. Notas sobre sujeito e autonomia na intervenção psicossocial.

Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 445-464, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n3/v17n3a08.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2021.

AFONSO, Maria Lúcia Miranda. (Org.). **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

AQUINO, Estela M. L. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de

COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, 2020, v. 25, p. 2423-2446. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/pt>. Acesso em: 5 jun. 2021.

Brasil registra média móvel de 1.629 mortes por Covid na última semana; total passa de 473,4 mil, **G1**, 6 jun. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/06/brasil-registra-media-movel-de-1629-mortes-por-covid-na-ultima-semana-total-passa-de-4734-mil.ghtml>. Acesso em: 6 jun. 2021

CAMPOS, Fabiana de Andrade. Massacre de Felisburgo: afeto, memória e trauma psicossocial. In: SAWAIA, Bader Burihan; ALBUQUERQUE, Renan; BUSARELLO, Flávia Roberta. **Afeto & comum: reflexões sobre a práxis psicossocial**. São Paulo: Alexa Cultural, 2018, p. 326-342.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa sobre COVID-19**. Brasília: OPAS, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 6 jun. 2021.

EM - ESTADO DE MINAS. Após lama, Brumadinho registra alta de suicídio e prescrição de remédios. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 9 set. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/09/09/interna_gerais,1083678/apos-lama-brumadinho-registra-alta-de-suicidio-e-uso-de-remedios.shtml. Acesso em: 2 jun. 2021.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES - FCP. **Certificação quilombola**. Brasília: FCP, 2021. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-mg-22042021.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.

GONZATTI, Sônia Elisa Marchi; MAMAN, Andréia Spessatto De; SILVA, Alessandro Avila da. A extensão universitária como eixo da formação discente: um olhar sob o prisma da indissociabilidade entre ensino, extensão e pesquisa. In: **X Congresso Internacional de Docência Universitária**, 2018, Porto Alegre. Anais do X CIDU - o protagonismo estudantil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 1-11.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. IBASE. **Caracterização da comunidade quilombola de Ribeirão**. Rio de Janeiro: IBASE, 2012. Disponível em: https://issuu.com/flavia_mattos/docs/ribeirao. Acesso em: 29 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. IBASE. **Diagnóstico social participativo da comunidade quilombola de Marinhos**: município de Brumadinho - MG. Rio de Janeiro: IBASE, 2011 a. Disponível em: https://ibase.br/pt/wp-content/uploads/dlm_uploads/2015/04/cter-diagnostico-marinhos.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. IBASE. **Diagnóstico social participativo da comunidade quilombola de Rodrigues**: município de Brumadinho - MG. Rio de Janeiro: IBASE, 2011b. Disponível em: https://ibase.br/pt/wp-content/uploads/dlm_uploads/2015/04/cter-diagnostico-rodrigues.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. IBASE. **Diagnóstico social participativo - Comunidade de Remanescentes do Quilombo de Sapé**: município de Brumadinho - MG. Rio de Janeiro: IBASE, 2010. Disponível em: https://ibase.br/pt/wp-content/uploads/dlm_uploads/2015/04/cter-diagnostico-sape.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

JIMÉNEZ, Carla. PIB de 2020 no Brasil cai 4,1% com pandemia, o pior resultado em 24 anos. **EL PAÍS**, São Paulo, 3 mar. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2021-03-03/pib-de-2020-fecha-em-queda-de-41-no-brasil-com-pandemia-de-covid-19.html>. Acesso 6 jun. 2021.

LOPEZ, Immaculada. **Memória Social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local**. São Paulo: Museu da Pessoa: SENAC São Paulo, 1. ed. 2008.

MPMG - MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Ação requer reparação integral dos danos socioeconômicos causados pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho**. Belo Horizonte: MPMG, 2019. Disponível em: <https://www.mpmg.mp.br/comunicacao/noticias/acao-requer-reparacao-integral-dos-danos-socioeconomicos-causados-pelo-rompimento-da-barragem-da-vale-em-brumadinho.htm>. Acesso em: 05 jun. 2021.

NEIVA, Kathia Maria Costa. **Intervenção psicossocial**: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas. São Paulo: Vetor, 2010.

OLIVEIRA, Ingrid Gisely Alves de; FREITAS, Yaffa Maria F. de; VIANA, Débora Najda Medeiros. Neuropsicologia e Memória: uma revisão sistemática. **REBES**, (Pombal – PB, Brasil), v. 4, n. 4, p. 13-17, out.- dez., 2014. ISSN -2358 – 2391. Disponível em: <<https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/3118/2600>>. Acesso em: 02 out. 2021.

SAWAIA, Bader B. (Org). **As artimanhas da exclusão**: análises psicossocial e ética da desigualdade social. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, Brasil, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224>. Acesso em: 7 jun. 2021.

SILVA, Ana Lúcia de Brito e; SOUSA, Silvelene Carneiro de; CHAVES, Ana Carolina Feitosa; SOUSA, Shirley Gabriele da; FILHO, Disraeli Reis da Rocha. A importância da Extensão Universitária na formação profissional: Projeto Canudos. **Revenferm UFPE on-line**. v. 13, 2019.

SILVA, Antônio Fernando Lyra; RIBEIRO, Carlos Dimas Martins; JÚNIOR, Aluísio Gomes da Silva. Pensando extensão universitária como campo de formação em saúde: uma experiência na Universidade Federal Fluminense, Brasil. **Interface (Botucatu)**, v.17, n.45, p.371-84, abr./jun. 2013.

TECNOLOGIA social da memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. **Abravídeo e Fundação Banco do Brasil**. 2009. Disponível em: <<https://tonarede.org.br/wp-content/uploads/2017/08/Tecnologia-Social-da-Mem%C3%B3ria-Museu-da-Pessoa.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2021.

VENAGLIA, Guilherme. Brumadinho: tragédia faz 2 anos sem barragens desativadas e com disputa jurídica. **CNN Brasil**, São Paulo, 25 jan. 2021. Nacional. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/01/25/brumadinho-tragedia-faz-2-anos-sem-barragens-desativadas-e-com-disputa-juridica>. Acesso em: 6 jun. 2021.